

ADEYEMI, Tomi. 2018. *Filhos de Sangue e Osso: O legado de Orisha*. P. Rissati (trad.). 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fantástica Rocco.

Ranna Mirthes Sousa Correa
Doutoranda em Antropologia Social/Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)
rannamsc@gmail.com

Filhos de Sangue e Osso: O legado de Orisha, obra da escritora nigeriana-estadunidense Tomi Adeyemi, é o primeiro livro da trilogia infanto juvenil “O Legado de Orisha”. A Nigéria dos pais de Adeyemi compõe parte da inspiração necessária para a criação do reino de Orisha, governado pelo rei Saran e local onde a história se desenvolve. Suas primeiras páginas apresentam em breves palavras uma lembrança de Zélie Adebola, a protagonista da obra, que remete a como no passado o Reino de Orisha era rico em magia. Zélie relembra o dia da morte de sua mãe que leva consigo a destruição dos poderes mágicos do povo Maji. Os Maji são as pessoas escolhidas diretamente pelos deuses e deusas para serem os guardiões da magia. Divididos em 10 clãs – Ikú, Èmí, Omi, Iná, Aféfé, Áiyé, Ìmole, iwòsàn, Aríran e Eranko – aos poucos somos apresentados a cada um deles, bem como aos seus títulos – ceifador, conector, marejador, queimador, ventaneiro, terral, soldador, acendedor, curandeiro, câncer, vidente e domador – e às respectivas divindades responsáveis como Oya, Orí, Yemonja, Sàngó, Ayaó, Ògún, òsùmàrè, Babalúayé, Òrúnmilà e òsòòsì. Seus descendentes são respectivamente os maji da vida e da morte; da mente, do espírito e dos sonhos; maji das águas; maji do fogo, maji do ar, maji do ferro e da terra, maji da escuridão e da luz, maji da saúde e da doença, maji do tempo e maji dos animais.

Essas mulheres e homens têm poderes compartilhados pelos deuses de cada clã ao explorar suas principais características, sendo que em seu sangue corre o àse, a energia vital e responsável pela ligação dos humanos com as divindades, necessária não apenas à vida, mas também para todo ritual que envolve as divindades. Porém, em um

ataque mortal conhecido como a Ofensiva, o rei Saran extermina a maioria dos Maji já desenvolvidos e rompe o elo entre os seres humanos e as divindades ao desaparecer com três elementos mágicos, exterminando assim a magia da Terra. No entanto, onze anos depois, um desses objetos mágicos reaparece, um pergaminho capaz de despertar parte dos poderes dos divinais – os descendentes diretos dos maji ainda sem o despertar da sua magia – trazendo novos rumos para a vida de cada uma das personagens.

Em *Filhos de Sangue e Osso*, acompanharemos as aventuras de Zélie, filha de pescadores que teve a mãe, uma poderosa maji ceifadora – aquela que tem o poder de invocar almas – descendente do clã de Iku regida por Oya, assassinada durante a ofensiva quando ela ainda era criança. Desde então sua infância e adolescência foi marcada pela dor e a hostilidade de ser uma divinal, alguém que nasceu para ser uma futura maji, mas que devido à morte da magia nunca poderá desenvolver todo o seu potencial. Portanto, o início da obra apresenta uma vida marcada pelo fim da magia dos divinais, período em que trouxe muita pressão e perseguição, escravidão e assassinatos, dando início a tempos de luto e pouca esperança para o seu povo. Os últimos anos marcaram uma época em que os divinais foram oprimidos e submetidos a uma condição de pobreza, a altos impostos e a viverem sob o medo constante de novas prisões, espancamentos e assassinatos.

Criada em segredo com aulas de luta com bastão por Mama Agba, Zélie teve sua vida dividida entre os cuidados do pai doente e a batalha diária por sobrevivência junto com seu irmão mais velho, Tzain. Como a adolescente muito temperamental que é, Zélie acaba causando problemas na aldeia onde vive com a sua família e precisa ir até Lagos, capital do reino de Orisha. Nessa viagem Zélie encontra Amari, jovem princesa de Orisha em fuga do palácio em uma eletrizante jornada sob a perseguição do seu irmão Inan, príncipe herdeiro legítimo do trono. As distintas realidades de Zélie e Amari se cruzam e também se unem nesse momento do livro em que surge a possibilidade do retorno da magia. Após esse encontro, o trio formado por Zélie, Amari e Inan é responsável pela condução narrativa da trama a partir de três perspectivas, vozes e visões de mundo, cada um com suas características ao despertar no leitor os dilemas e os desafios presentes nesse (re) encontro com a magia.

Com o desenrolar dos acontecimentos ao longo de mais de 500 páginas, nos deparamos com a possibilidade de acompanhar o retorno da magia e com a luta para fazer justiça à Ofensiva como parte de uma perigosa aventura a partir de uma narrativa muito bem escrita e envolvente. Para recuperar a magia, Zélie se vê diante de uma jornada pessoal em busca da própria história, e também diante da possibilidade de reconexão com a força do seu àse. Seja pela herança materna ou como parte maior exterior a ela, para

Tomi Adeyemi a magia está ligada à ancestralidade e permanece viva através do sangue dentro de cada uma das personagens ao longo da narrativa. A magia retratada na obra, ao mesmo tempo, em que pode ser descrita como algo ameaçador da paz do reino de Orisha também representa uma herança roubada dos divinais para que assim pudessem ser enfraquecidos e dominados. Como uma das formas de conexão com os deuses e para a manutenção do *àse*, a magia foi brutalmente cortada devido às constantes perseguições. A magia é o *àse* presente na nossa ancestralidade através do nosso sangue, o mesmo sangue que também faz parte da manutenção do *àse*, desestabilizando assim noções binárias de vida/morte, assim como as noções de início e fim.

Mãe Stella¹ define o *àse* como aquilo que nos pertence de direito e significa principalmente força, poder, energia. Dessa forma, a essência dos adeptos e dos iniciados no *candomblé* é o *asé* – a magia que acontece – que pode ser adquirido e renovado a partir de rituais voltados para o culto de nossas divindades para melhor servir ao mundo. Tomi Adeyemi traz a essência dos deuses e das simbologias que personificam a natureza e as suas forças, que são a base do *candomblé*, e por essa razão a leitura de sua obra assume significativa importância no combate aos preconceitos que rondam a cultura iorubá e aos tão recorrentes ataques sofridos pela religião no Brasil reflexos do racismo, do preconceito e da intolerância religiosa.

O retrato da realidade fictícia da obra de inspiração africana criada por Adeyemi encontra eco no universo afro-brasileiro do qual a autora recupera elementos do *Candomblé*, em uma alusão aos orixás através do universo da mitologia ioruba, da sua relação com a natureza e ancestralidade. Após uma viagem ao Brasil, seu primeiro contato com deuses negros e africanos invadiu a sua imaginação no período em que estudou religião e cultura africana em Salvador, na Bahia. Tais divindades como Oyá, Iemanjá, Xangô, conhecidos no Brasil como orixás, tem nomes que não são completamente estranhos ao público brasileiro, principalmente aos iniciados, simpatizantes e adeptos do *candomblé*. Orixá pode ser definido como a partícula divina existente em cada um de nós, como Mãe Stella há muito já nos ensinou. Oyá. Iansã. Orixá dos ventos e tempestades, destemida guerreira, senhora absoluta dos *egúns* e intimamente ligada aos mistérios da morte. Uma entre os muitos orixás cultuados hoje no Brasil pelos adeptos das religiões afro-brasileiras como umbanda e *candomblé*, Iansã foi a escolhida pela autora como a divindade de sua protagonista.

1 Mãe Stella de Osossi, Odé Kayodê, foi a quinta Yalorixá de um dos terreiros mais tradicionais da Bahia, Ilê Axé Opô Afonjá, falecida em 27 de dezembro de 2018. Como enfermeira dedicou boa parte da sua vida para a ajuda dos mais necessitados. Teve sua estreia na literatura em 1988 com a publicação do livro *E daí aconteceu o Encanto*, em parceria com Cléo Martins, seguido de *Meu tempo é agora* (1993) e *Osósi – O caçador de alegrias* (2006).

Tendo a Nigéria como inspiração, Tomi Adeyemi, narra sua própria história através de ricos detalhes, rompendo com uma visão branca e pretensamente universal sobre os modos de vida diversos de um continente formado por diferentes países, povos, tradições e costumes. Como um *best seller* a obra adolescente se compromete em, para além de pautar a importância da representatividade negra na literatura, apresentar aos mais diversos leitores um universo mágico pautado por referências de culturas tradicionais africanas e afro-brasileiras. Ao mesmo tempo, em que a autora se compromete em demonstrar a expressão social de como os matizes da pele negra são vistas na Nigéria em sua diversidade de aspectos.

Ao descrever os diferentes tons e cores da pele escura, quanto das culturas, seja pelo formato dos olhos, sotaques, roupas e vestimentas, tons e texturas dos cabelos, tons de pele e assim romper com um estereótipo único e absoluto construído em torno do continente, Adeyemi apresenta a discussão sobre como na África do Oeste, quanto mais claro for o tom de pele de uma pessoa, mais próxima ela estará de um padrão de beleza. A graduação dos tons de pele aponta a intenção de discutir sobre o poder e o privilégio das pessoas mais nobres ao descrevê-las pelos tons mais claros de sua pele em contraste com a pele mais escura presente nas personagens divinais mais pobres. *Filhos de Sangue e Osso* surge trazendo um novo olhar para um campo da literatura juvenil ao retratar o protagonismo do continente africano a partir de um universo mágico afrocentrado, trazendo uma noção de magia referenciada pela ancestralidade do àse, ao romper com a amplamente difundida visão eurocêntrica das fantasias, se afastando de bruxas, vampiros ou fantasmas.

Por mais que *Filhos de Sangue e Osso* seja enquadrada dentro de uma narrativa de um gênero literário da fantasia, a narrativa proposta por Adeyemi como a proposta de uma realidade que se concretiza na forma de narrativas literárias é representante e um dos exemplos de como a literatura africana sempre se caracterizou por desenvolver uma narrativa próxima com a realidade. O diálogo da autora expresso no livro, ao mesmo tempo, em que traz elementos da cultura yorubá também traz elementos da cultura racista/racialista da diáspora, também a localiza e justifica o seu entre-lugar entre Nigéria-Brasil-EUA. A partir da perseguição ao povo maji, Adeyemi expõe uma analogia sobre as condições de vida maji atravessadas e marcadas pelo racismo estrutural também vivenciado por personagens da vida real com o tom de pele mais escura e em condições de pobreza. A vida de Zéli expõe a força do racismo, a força do trauma e os efeitos de conviver diante de um ódio constante que desumaniza os divinais a todo momento, seja pela pele mais escura, seja pelos cabelos brancos.

Além de romperem estereótipos, as personagens são reais e humanas, a coragem e o medo ocupam a mesma cena e tem o mesmo protagonismo, nessa longa jornada entre fazer o que é certo e fazer o que é preciso para a transformação e a retomada do que lhe foi retirado à força. Em muitos pontos de *Filhos de Sangue e Osso*, há violências descritas intensamente e aparecem como uma escolha da autora em representar a violência contra o povo negro norte-americano e mundial, os abusos das classes dominantes. “Eu sempre tenho medo”, fala de Zélie que perpassa diversos momentos do livro reflete a experiência de ter a pele escura neste mundo, justapondo medo e opressão à coragem arrebatadora que estimula a luta pela mudança e transformação do mundo, longe do racismo, desumanização, subjugação e humilhação.

Por conseguinte, a importante contribuição desta obra para a Antropologia consiste em romper com referenciais epistêmicos eurocêntricos a quem pertenceu o monopólio da produção científica dentro e fora do Brasil, ao mesmo tempo, em que retoma a centralidade da produção intelectual de intelectuais africanos há tanto relegados à invisibilidade, não reconhecendo nos corpos desses sujeitos como produtores de conhecimento e de pensamento acadêmico relevante. Além disso, reposiciona o continente africano em termos de narrativa e localiza a autoria negra como protagonista e construtora de um universo a partir de referenciais africanos e afro-brasileiros como parte de um movimento contracolonial. A recuperação da cultura yorubá para a construção de um universo fantástico coloca o objetivo de descolonização da literatura infanto juvenil, e por que não dizer da Antropologia, como principal bandeira. A obra ficou por mais de 90 semanas na lista dos livros mais vendidos do *New York Times* e já é prevista sua adaptação para o cinema, o que comprova a existência de um mercado ávido por trabalhos que assumem o compromisso político de resistir ao apagamento a partir da defesa de existências múltiplas e variadas.

Em seu primeiro livro, Tomi Adeyemi chega para revolucionar com o alcance de sua obra entre jovens negros da diáspora com sede de verem suas histórias ressignificadas e potencializadas. Mais do que propor uma guerra entre novas e velhas epistemologias, o foco está na produção de nossas teses, dissertações, textos, artigos, livros, escritos, desde outra cosmopolítica em que nossos corpos produzem mudanças epistêmicas, sendo que o que está em jogo é a multiplicação das epistemes, como aponta o Prof. José Carlos dos Anjos. Ou seja, podem ser um importante instrumento para emergir epistemologias próprias, onde Tomi Adeyemi nos inspira com maestria, para que assim nossos corpos negros contribuam para desestabilizar narrativas hegemônicas e absolutas de produção de conhecimento. Como a escritora nigeriana Chimamanda Ngozie Adichie nos sugere em

romper com os perigos da história única, sempre em busca de um ambiente acadêmico mais plural despido da blindagem acadêmica e do racismo que ainda os assombra. O mais importante, estarmos sempre atentos para questionar que tipo de conhecimento Antropologia produz, para quem produz e qual a sua função social.

Que a emoção pelo assassinato de muitas crianças maji reverbere também na indignação pelas crianças inocentes que foram mortas pela polícia americana como Jordan Edwards, Aiyanna Santely Jones nos EUA; como Ágatha Félix, João Pedro Matos Pinto, Kauê Ribeiro dos Santos no Rio de Janeiro, além de muitas outras crianças vítimas das ações da polícia brasileira. As páginas finais nos pegam pela mão e nos guiam para o início de uma nova jornada que está para iniciar. Que a fala de Zélie de que “somos todos filhos de sangue e osso” permita uma reconexão com o passado através do sangue, entendendo que a morte não é um fim, assim como a magia não morreu, porque ela é o asé que pulsa nas veias de cada um de nós. Que Oyá, senhora dos eguns que possui o poder sobre os mortos, poder esse também herdado por Zélie, como Ceifadora, e orixá fundamental para o equilíbrio espiritual nos ensine o que ensinou a Zélie: que possamos nos reconectar com o nosso próprio àse em busca da transformação e da retomada.

Referências

ADICHIE, Chimamanda N. 2019. *O perigo de uma história única*. Julia Romeu (trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

AZEVEDO, Stella; MARTINS, Cléo. *E daí aconteceu o encanto*. Salvador: Edição das autoras, 1988.

OXÓSSI, Mãe Stella de. *Òşósi: O Caçador de Alegrias*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2006.

SANTOS, Maria Stella de A. 1993. *Meu tempo é agora*. São Paulo: Editora Oduduwa.

Recebido em 16 de janeiro de 2021.

Aceito em 21 de junho de 2021.